



## A REALIDADE E OUTRAS FICÇÕES

**Curadora: Mariana Pestana**  
**15 Set - 15 Dez, Ter-Sáb, 15:00-22:00**

**Participantes:** Alex Schweder (US), Carlos Azeredo Mesquita (PT), Carlos Vaz Marques (PT), Carsten Höller (DE), Friendly Fire (PT), Paulo Moreira (PT) & Kiluanji Kia Henda (AO), Maria Fusco (IE), Noam Toran (US) & Onkar Kular (UK), The Center for Genomic Gastronomy (NO/US), Zuloark (ES).

Com origem no século XVII, o Palácio Pombal conheceu diversos usos e programas ao longo da sua história. De residência a embaixada, deu lugar a inúmeros acontecimentos e eventos. A exposição traz de volta os usos que o edifício teve no passado através de intervenções que promovem encontros entre o palácio e o visitante. A partir de factos históricos, as sete intervenções – comissionadas a artistas, designers e coletivos multidisciplinares - apresentadas constroem ficções ideológicas materializadas em espaços e programas reais, passíveis de serem usados. Pela primeira vez reunidos em sincronia, os usos do passado, agora re-encenados, re-imaginados, são justapostos.

A preocupação latente nesta exposição prende-se com a ambiguidade e paradoxos inerentes ao exercício da hospitalidade, com os postulados que definem e condicionam os usos da arquitetura e as narrativas de ocupação – formalizadas ainda que não escritas – em que os utilizadores entram quando entram, fisicamente, num espaço construído. Os conteúdos e situações geradas pelos trabalhos aqui presentes destabilizam as regras e os compromissos subjacentes à ocupação e uso do espaço para levantarem questões acerca dos lugares do dia-a-dia, da forma como nos relacionamos com eles e como eles nos fazem relacionar com o outro. Na intimidade que estabelecem entre lugar e ocupante cada um dos trabalhos exerce formas de hospitalidade. Seja para evidenciar os conflitos inerentes ao seu exercício ou para lembrar a urgência da sua aplicação, para instigar encontros inesperados ou para promover oposições, convergências, combates, ou consensos.

Motivando interações de inspiração política, ideológica, criativa, convivial ou lúdica, durante os três meses de Close, Closer as intervenções espaciais vão realizar vários eventos, tais como parlamentos, jantares, conversas e workshops. O programa de A Realidade e Outra Ficções compreende igualmente três residências. Estas vão produzir nova escrita de ficção original, bem como trabalhos fotográficos baseados na experiência singular do Palácio, a par de uma série de jantares-debate semanais, organizados e moderados por Carlos Vaz Marques, com a presença de figuras de referência do panorama cultural português.

## **Sala da Nação – Embaixada de Terra Nenhuma** **Paulo Moreira (PT), Kiluanji Kia Henda (AO)**

Na segunda metade do século XX, a embaixada de Espanha funcionou no Palácio Pombal. Todos os arquivos foram queimados durante uma manifestação em 1975 contra a ordem de execução de ativistas políticos proclamada durante o regime ditatorial em Espanha. Não se encontrou registo dos documentos que ali foram produzidos, lidos, aprovados ou reprovados.

---

No atual cenário de descrédito relativamente aos modelos políticos existentes, evidenciado por protestos e manifestações por todo o mundo que reclamam alternativas aos sistemas vigentes, apresenta-se a “Sala da Nação – Embaixada de Terra Nenhuma”. Esta é a embaixada de uma nação imaginária e pós-democrática que não é localizada em nenhum tempo ou espaço particular, uma reflexão sobre a arquitetura como incubadora de valores culturais estabelecidos, expressos em relações espaciais. composta por superfícies espelhadas que materializam conceitos de reciprocidade, representação e troca, convidando o visitante a tornar-se simultaneamente líder e liderado num lugar ubíquo que reflete criticamente sobre o papel do lugar na definição de hierarquias. Refletindo sobre noções de hospitalidade e hostilidade, a peça questiona o papel da embaixada como estrutura que representa ou reprime, onde os cidadãos podem tornar-se reféns da sua própria nação. Os elementos familiares que constituem a sala de recepção de uma embaixada – código de conduta, urna, bandeira, trono, retrato – são aqui sabotados de modo a comunicar uma nova ordem. Durante o período da exposição, associações e grupos que desenvolvem trabalho nas áreas do ativismo político, cidadania e inclusão social, vão ser embaixadores em sequência.

Embaixadores:

17-21 Setembro: Associação de Defesa dos Direitos Humanos

24-28 Setembro: Movimento Fronteiras Urbanas

1-5 Outubro: Transparência e Integridade, Associação Cívica

15-19 Outubro: Colectivo FLAN

22-26 Outubro: Colectivo Plataforma Gueto

29 Outubro – 2 Novembro: Associação O Direito de Aprender

5-9 Novembro: Moinho da Juventude

12-16 Novembro: Academia Cidadã

19-23 Novembro: Habita Colectivo pelo Direito à Habitação e à Cidade

26-30 Novembro: Má Despesa Pública

10-14 Dezembro: Semana de encerramento com eventos diários

**Paulo Moreira** (Portugal, 1980) é um arquiteto (FAUP, 2005) e investigador (The Cass) sediado no Porto e em Londres. Foi distinguido com prémios como o Noel Hill Travel Award (American Institute of Architects – UK Chapter, 2009); Prize for Social Entrepreneurship (The Cass – UK, 2009); e o Prémio Távora (OASRN – Portugal, 2012).

Autodidata, **Kiluanji Kia Henda** (Angola, 1979) pertence à geração de artistas angolanos emergentes que conta já com uma significativa carreira internacional. Tem participado em vários programas de residência artística em Angola, na África do Sul, China, Itália, França e Brasil. Foi distinguido com o Prémio Nacional de Cultura e Artes (Ministério da Cultura – Angola,

2/10

2012)

## **The Universal Declaration of Urban Rights Zuloark (ES)**

Entre 1986 e 2002, as regras, códigos, ética e missão da Associação Portuguesa de Arquitetos Paisagistas foram concebidos, escritos e dirigidos a partir do interior do Palácio Pombal.

—

Apresentado como uma infraestrutura de reflexão coletiva acerca dos direitos à cidade e dos direitos a ser cidadão, este projeto tem como objetivo a elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos, com vista a alcançar um consenso sobre as metodologias que regulam a construção, legislação e utilização do espaço público. Todas as terças-feiras às 19:00 realiza-se uma sessão parlamentar com oradores convidados, aberta ao público, que contribui para a elaboração de um artigo. Com base numa metodologia de tentativa e erro, a declaração será escrita através de rascunhos sucessivos evoluindo à medida que o projeto se desenvolve, ao longo do período da exposição.

Sessões Parlamentares:

14 Setembro: Sessão de Abertura, com Zuloark

17 Setembro: Artigo 1 - Incorporar a controvérsia, com Pedro Campos Costa & Inês Lobo

24 Setembro: Artigo 2 - Mind the Gap, com Filipa Ramalhete

1 Outubro: Artigo 3 – Cidade Participada, com LIKE Architects

8 Outubro: Artigo 4 – Cidade Semi-Acabada, com Manuel Van Hoben

15 Outubro: Artigo 5 – Praça Equipada, com João Caria Lopes, Atelier Base

22 Outubro: Retrospectiva crítica, com Zuloark

29 Outubro: Artigo 6 – Senso “Comum”, com Margarida Vale de Gato, Assembleia Popular da Graça e Mónica Mesquita, Fronteiras Urbanas

5 Novembro: Artigo 7 – Urbanismo Bricolage, com Luísa Alpalhão

12 Novembro: Artigo 8 – Cidade Híbrida, com Associação MEDS

19 Novembro: Artigo 9 – Abrir Portas, com Artéria

26 Novembro: Artigo 10 – Transparência e Open Data: o custo do espaço público, com Manuel Salgado (a confirmar)

3 Dezembro: Artigo 11 – Parlamentos Urbanos, com Tiago Mota Saraiva, Ateliermob

10 Dezembro: Sessão de Encerramento, com Zuloark

Zuloark é um rede de arquitetura que se autodefine com uma área de aprendizagem de proximidade, o espaço existente entre saber e não saber fazer algo; o ambiente onde se pode aprender com a ajuda de outras pessoas. O seu objetivo final consiste na participação ativa de cada indivíduo na reconfiguração do coletivo, partilhando e ensinando a partir da sua própria experiência, numa organização de hierarquias fluídas em cada projeto.

## **Games To Lose Control** **Carsten Höller (DE)**

De 1927 a 2002, a Casa da Madeira – Representação Oficial da Região Autónoma da Madeira – teve a sua sede no Palácio Pombal. Os associados tinham ao seu dispor diversos jogos tais como bilhar, matraquilhos, damas e xadrez.

Os lugares que percorremos no dia-a-dia coreografam movimentos lógicos, tais como subir escadas ou parar diante de uma parede. Outros lugares, como os parques de diversão, coreografam movimentos menos lógicos, que proporcionam instantes de loucura através de experiências físicas e mentais extremas. Através de três jogos, Carsten Höller convida os visitantes a embarcar numa expedição cuja missão é escapar à lógica e perder o controlo. O Jogo da Memória, o Jogo da Contradição e o jogo Gémeos de Lisboa são constituídos por instruções e dispositivos a serem implementados no espaço do palácio por visitantes, atores e vigilantes. Os visitantes são convidados a jogar os jogos, ver ou participar nas performances, cujo calendário é imprevisível: podem acontecer em qualquer lugar, a qualquer momento, em qualquer dia.

**Carsten Höller** (n. 1961, Bruxelas) vive e trabalha em Estocolmo. O seu trabalho tem sido exposto internacionalmente ao longo das últimas duas décadas, incluindo exposições a solo no New Museum, de Nova Iorque, USA (2011); Hamburger Bahnhof Museum für Gegenwart, Berlim, Alemanha (2011); Museum Boijmans Van Beuningen, Roterdão, Holanda, (2010); MASS MoCA, North Adams, USA (2006); Fondazione Prada, Milão, Itália (2000).

## **Slowly Ceiling** **Alex Schweder (US)**

Jácome Ratton, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo, viveu no Palácio Pombal no século XIX, onde foi preso por suspeita de estar associado à causa Jacobina, durante as Invasões Francesas. Foi durante o exílio em Inglaterra que Ratton escreveu as suas “recordações” de Lisboa.

“Slowly Ceiling” é uma arquitetura que se transforma ao longo do tempo. Refletindo sobre a condição do exílio, este espaço convida o visitante a adormecer e transforma-se lentamente, ocupando uma área progressivamente maior, proporcionando um espaço cada vez mais pequeno. A peça é cíclica, enchendo e esvaziando continuamente, num movimento ininterrupto, nunca atingindo um estado final. “Slowly Ceiling” é uma arquitetura performativa que coreografa o visitante. Primeiro convida, depois faz refém, e finalmente expulsa. Para proporcionar uma experiência ideal, a visita deve ser limitada a duas pessoas de cada vez, cada uma deitada num dos sofás. Esta peça demora cerca de 30 minutos a ser executada.

Após ganhar o prémio Roma em 2005, o trabalho de Alex Schweder tem-se focado na “Performance Architecture” (arquitetura performativa) através de exposições, em especial: *Practise Architecture*, na Tate Britan, *Flatland* no

Sculpture Center de Nova Iorque, *A Sac of Rooms All Day Long*, no San Francisco Museum of Modern Art e que *Counterweight Roommate* em Basel. A sua "arquitetura performativa" baseia-se na noção de que as relações entre espaços ocupados e sujeitos ocupantes são permeáveis. Os seus projetos foram apoiadas pelas fundações Pollack Krasner e Graham. Foi artista residente da Kohler Company (três residências) e da Chinati Foundation.

### **Sonda Espacial L.Q.F.U.B. Friendly Fire (PT)**

A Academia dos Ilustrados do século XVIII teve lugar no Palácio, onde intelectuais se reuniam para ler e discutir literatura e filosofia. A 20 de Dezembro de 1717, foram lidas as regras da história e da política de Aristóteles.

—

A sonda espacial "L.Q.F.U.B." é uma "little magazine" que cresce progressivamente no decorrer da exposição até alcançar um tamanho extra-grande. Consiste numa publicação em três dimensões que é lugar de discussão e de trabalho, espaço crítico e simultaneamente espaço de crítica. A estrutura desta fanzine "espacial" obedece à divisão cerimonial dos membros da Academia do século XVIII em "lentes": os problemáticos, os artísticos, os espontâneos, os heroicos, os políticos, os académicos, os radicais, os lúdicos e os fantásticos. Ao longo da exposição haverá encontros académicos, os workshops "Fanzine Machine", conduzidos por grupos que irão debater, desenvolver e editar o conteúdo da publicação. Os visitantes podem contribuir espontaneamente para a elaboração da fanzine, ou assistir aos workshops.

Sessões Fanzine Machine:

21 Setembro 15:00 Lente – Os Problemáticos: Colectivo F.A.U.P.  
(Fânzeres Alliance of Urban Photoshopping)

5 Outubro 15:00 Lente – Os Artísticos: Clube de Desenho

16 Outubro 19:30 Lente – Os Espontâneos: Conversas

19 Outubro 15:00 Lente – Os Heróicos: Colectivo Mundo Novo

2 Novembro 15:00 Lente – Os Políticos: O Espelho

9 Novembro 15:00 Lente – Os Académicos: Ruptura Silenciosa

16 Novembro 15:00 Lente – Os Radicais: Arq.a

30 Novembro 15:00 Lente – Os Lúdicos: Dédalo

14 Dezembro 15:00h Lente – Os Fantásticos: Friendly Fire.

**Friendly Fire** é um coletivo de arquitetura independente interessado em narrativas e práticas subversivas e espirituosas, sediado no Porto. Trabalha a partir de uma pequena loja de canto no complexo residencial Bouça, projetado por Álvaro Siza – o primeiro vencedor do prémio Pritzker da cidade. Friendly Fire é integralmente desenhada e AutoCad e feita à mão em Fânzeres, a nossa autointitulada Meca da fanzine.

## The Planetary Sculpture Supper Club Center For Genomic Gastronomy (NO/US)

Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, foi proprietário do Palácio. Uma figura controversa, muitas vezes descrito como déspota iluminado, o Marquês foi o primeiro-ministro de Portugal responsável pela reconstrução de Lisboa após o terramoto de 1755. O projeto de Lisboa terá, eventualmente, sido discutido à mesa, no palácio.

---

Convencionalmente, o debate político tem lugar em estruturas institucionais como assembleias e parlamentos. No entanto, a história tem-nos mostrado que o ambiente informal, muitas vezes doméstico, da mesa de jantar, tem proporcionado a infraestrutura para acordos negociações que moldam a realidade legislativa, jurídica, económica e cultural que conhecemos hoje. Entre ficção política e experiência gastronómica, “The Planetary Sculpture Supper Club” senta o visitante à mesa, no Salão Nobre do Palácio Pombal. Este projecto é composto por uma mesa de jantar e uma série de menus que tipificam o modo como os seres humanos têm inconscientemente vindo a esculpir a biosfera do planeta através dos seus hábitos e tecnologias alimentares e preferências de sabor. O projeto explora a co-evolução da gastronomia e dos sistemas ecológico, tecnológico e político. Os ingredientes e respetiva preparação são articulados com os temas discutidos ao jantar: Voltar a Ter Tempo, Caviar para Todos e Receitas para o Desastre. Entre ficção política e experiência gastronómica, “The Planetary Sculpture Supper Club” senta o visitante à mesa às quintas e sextas e sábados, das 19h às 22h. Aos sábados, os jantares serão presididos por diversos marqueses nomeados por Carlos Vaz Marques e um arquiteto convidado a ser anunciado. Todas as receitas são desenvolvidas pelos Center for Genomic Gastronomy em colaboração com Heather Julius e os chefes António Henriques, Fábio Bernardino, Pedro Bettencourt e Vasco Alves e os alunos das Escolas de Hotelaria e Turismo do Estoril, Lisboa e Setúbal. Para reservar um jantar consulte [www.close-closer.com](http://www.close-closer.com).

The Center for Genomic Gastronomy é um instituto de pesquisa independente que explora os genomas e biotecnologias que compõem os sistemas alimentares humanos no planeta Terra. Apresentando a sua pesquisa em palestras públicas, publicações, refeições e exposições, The Center tem colaborado com cientistas, chefs e *hackers* no Norte da América, Europa e Ásia.

**Heather Julius** é uma estratega culinária que dirige o Special Snowflake Studio and Supperclub em Portland, Oregon. Tem colaborado com os Center for Genomic Gastronomy no desenvolvimento de receitas, pesquisa e gestão da cozinha em projetos que incluíram a exposição Edible; Vegan Orlan; o livro de cozinha “Eat Less, Live More & Pray for Beans” e Planetary Sculpture Supper Club.

## **In Dreams I Walk With You** **Noam Toran (US) & Onkar Kular (UK)**

No dia 31 de Janeiro de 1912, 620 anarco-sindicalistas foram presos na sede do movimento, o Palácio Pombal. Expulsos do edifício sob ameaça de armas, foi relatado que os anarquistas entoaram orgulhosamente “A Internacional”, enquanto eram evacuados.

—  
Uma peça teatral inspirada no “Teatro dos Operários” do início do século XX na Europa, que tinha como objetivo retratar as dificuldades da classe operária com o propósito de despertar a consciência social e a ação coletiva. Centra-se na relação entre Mário Castelhana (1894–1940) e Manuel Rijo (1897–1974): trabalhadores ferroviários, anarquistas militantes e dirigentes sindicais que partilharam grande parte das suas vidas adultas no exílio ou na prisão. A peça é inspirada em arquivos e textos históricos, nos escritos de Castelhana, Rijo e de outros anarquistas presidiários, bem como em textos literários de Manuel Puig, Bruno Schulz, e Ursula K. Le Guin. A partir do grau zero da arquitetura, uma cela presidiária, a peça representa uma série de fugas audaciosas em que os prisioneiros constroem diversas utopias para onde viajam através da imaginação. A leitura da peça faz-se através de um guião, face a um cenário vazio de atores. “In Dreams I Walk With You” celebra os valores humanistas do anarquismo político, em contraste com a frágil cultura política contemporânea. Reflete sobre os problemas inerentes ao (e a absoluta necessidade de) desejo e construção de utopias.

O trabalho de **Noam Toran** envolve a criação de narrativas intrincadas desenvolvidas como meio de reflexão sobre as inter-relações do cinema, literatura, história, design e memória. As suas obras são frequentemente expostas como esculturas, filmes e instalações. Exposto, projetado e publicado internacionalmente, o seu trabalho integra as coleções do MoMA de Nova Iorque, FRAC Ile-de-France e Israel Museum.

**Onkar Kular** investiga o modo como a prática projetual contemporânea pode ser usada na relação com o entendimento de temas culturais e populares. De acordo com o projeto de pesquisa específico que desenvolve, o seu trabalho recorre a diferentes meios, incluindo novos objetos, filmes, eventos, performances e instalações. O seu trabalho está disseminado internacionalmente através de exposições, workshops, palestras, festivais de cinema e publicações.



## RESIDÊNCIAS

Maria Fusco é uma escritora natural de Belfast, residente na Escócia. Escreve ficção, textos críticos e teóricos, edita publicações, e contribui para uma diversidade de revistas internacionais, livros e catálogos.

O projeto “The Legend of The Necessary Dreamer” é uma reportagem em tempo real a partir do Palácio Pombal. Durante a sua residência, Maria Fusco dedicou-se a escrever textos no local examinando a vulnerabilidade física das salas, restituindo o propósito ao sonhador, oferecendo-lhe uma voz material, para formar um prólogo de histórias imaginadas. Os seus textos serão recitados diariamente no oratório do Palácio a uma pessoa de cada vez.

—

Carlos Vaz Marques é o editor da revista Granta em Portugal. É locutor de rádio, apresentando três programas na TSF, a principal estação de rádio de informação portuguesa, e é ainda diretor de uma coleção de livros de viagens na Tinta-da-China, uma editora independente. Como parte da sua residência, “A Cidade à Mesa”, Carlos Vaz Marques irá ser o anfitrião dos jantares de “The Planetary Sculpture Supper Club”. Todos os sábados, irá convidar uma figura da cultura portuguesa e nomeá-la Marquês. Como Marquês, cada convidado deverá propor três ideias para Lisboa, a serem discutidas com um convidado arquiteto e com os restantes comensais. Os jantares são divididos em três temas: Caviar para Todos, Voltar a Ter Tempo e Receitas para o Desastre.

## TEMAS E CONVIDADOS

### **Voltar a ter tempo**

Após um século de velocidade estaremos prontos para um abrandamento radical? Cidades cada vez mais contraídas, instabilidade económica e um crescente desejo de autenticidade são indicadores importantes, mas os conta-quilómetros continuam no máximo. A comida servida para este tema será o resultado dos mais ineficazes processos em termos de cultivo, transporte, distribuição, bem como nos modos de cozinhar, servir e consumir. A conversa deve abordar as questões da rapidez, da lentidão por vontade própria, e da possibilidade de optar, encontrando um outro andamento e um outro ritmo, à margem daquele que é ditado pelo capitalismo global.

### **Caviar para todos**

Estarão as experiências de verdadeiro decadentismo apenas ao alcance de alguns privilegiados? Será o acesso universal ao prazer e à alegria um objectivo pelo qual vale a pena lutar? Se houve algo que a industrialização conseguiu, foi proporcionar o acesso generalizado a uma energia escrava trabalhando para nós em permanência sob a forma de combustíveis fósseis. Caso continuemos a utilizar esta energia escrava, poderemos aspirar a resultados mais decadentistas? A comida servida com este tema recorrerá a ingredientes e receitas provenientes de exploração intensiva. Deve também simular refeições decadentistas, colocando estes ingredientes absurdos e

8/10





fantásticos à disposição de mais gente. A conversa pode girar em torno da questão do 1%, do modo como somos cúmplices numa sociedade de consumo que produz tantas escolhas e tanto desperdício e do poder político da atitude de busca do prazer em face da austeridade.

### **Receitas para o desastre**

Este tópico diz respeito à expectativa e à preparação para os desastres, ou talvez até da capacidade de antecipação para os criar antes que alguém o faça. Parece haver hoje um interesse global nas diversas variantes milenaristas, tanto dos que antecipam um desastre global precavendo-se contra ele como daqueles que o consideram irremediável. O medo do calendário maia foi ultrapassado mas as mudanças climáticas, o conflito global e a ideia de uma catástrofe económica continuam presentes como uma espécie de inconsciente colectivo. A comida servida no decurso deste debate terá a ver com histórias do fim do mundo e últimas ceias. A conversa deve girar em torno da ideia de morte e renascimento do mundo tal como o conhecemos e de como poderemos preparar-nos para o pior e ainda assim comermos bem.

Jantares “A Cidade à Mesa”:

21 Set – Gonçalo M. Tavares;  
28 Set – Catarina Portas;  
5 Out – Delfim Sardo;  
12 Out – Rui Horta;  
19 Out – António Barreto;  
26 Out – Joana Amaral Dias;  
2 Nov – Maria Filomena Mónica;  
9 Nov – Clara Ferreira Alves;  
16 Nov – Rui Tavares;  
23 Nov – Inês Medeiros;  
30 Nov – Helena Roseta;  
7 Dez – José Tolentino Mendonça;  
14 Dez – Convidado surpresa.

---

Carlos Azeredo Mesquita é fotógrafo e designer gráfico. Tem um interesse particular pela relação entre o poder legitimador da fotografia e a questão da percepção da verdade, ficção, encenação e contexto. Através da fotografia explora também as possibilidades narrativas dos espaços urbanos em interação com a sociologia e a antropologia. Durante a sua residência, Carlos Azeredo Mesquita usará a fotografia como ferramenta para expandir as narrativas associadas a cada um dos momentos da exposição e correspondentes usos passados do Palácio Pombal, recorrendo a uma variedade de situações e exemplos reais mais ou menos inesperados, num exercício de associação livre com metodologia pseudo-científica e resultados pseudo-enciclopédicos.



## **Mariana Pestana**

Curadora

Mariana Pestana é arquiteta. De forma geral, o seu trabalho desenvolve-se sob a forma de exposições, instalações e escrita. Cofundadora do colectivo The Decorators, Mariana é licenciada em arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e detém um mestrado em Ambientes Narrativos pela Central Saint Martins College of Art and Design (Londres). Atualmente está a fazer doutoramento na Bartlett School of Architecture e é docente na Chelsea College of Art and Design e Central Saint Martins College of Art and Design.

*The Legend of The Necessary Dreamer*

by Maria Fusco

**(Portuguese version)**

This PDF contains extracts from Maria Fusco's *The Legend of the Necessary Dreamer*.

During her residency in June 2013, Maria Fusco engaged in daily field-writings examining the physical vulnerability of the rooms of Palácio Pombal, giving material voice and restoring purpose to the dreamer. Her texts are told, by acting students, on a daily basis in the oratory of the palace: one storyteller speaking intimately to one listener.

Maria Fusco is a Belfast-born writer and academic based in Edinburgh. She works across the registers of fiction, art criticism and art theory. She is editor of *The Happy Hypocrite*, a journal for experimental writing, and was Director of Art Writing at Goldsmiths, London.

[www.mariafusco.net](http://www.mariafusco.net)

## Exalação

Tento ser um dispositivo de registo. E é tão grande a dificuldade para ouvir adequadamente o palácio que me obriga a estar à escuta, atentamente, há já algum tempo; há algumas horas, para ser precisa. Eis-me à escuta, mesmo enquanto escrevo estas linhas, tentando ignorar o arranhar do bico da minha caneta no papel.

Tento ouvir o que o palácio pretende dizer-me. Na certeza de que não perceberei a maior parte. Ou talvez perceba algumas coisas à minha maneira, o que me fará entendê-las mal. A precisão na audição é uma impossibilidade — especialmente quando não falamos a mesma língua — mas escutar com precisão é essencial e, creio, possível. Afinal, fazer um esforço é respeitar a pessoa, ou a coisa, que tenta dizer-nos algo.

Fingi muitas vezes conhecer ou perceber o que não conhecia ou percebia. Fi-lo na tentativa de evitar o embaraço, a vergonha, da minha falta de compreensão, da minha ignorância. Continuo a fazê-lo. Mas não hoje. Deslocar-me pelo palácio constitui um método inútil. Reconhecermos publicamente que não sabemos, tentarmos ouvir, perceber no momento, é mais útil e imperativo. Imperativo, porque responde com sensibilidade à força.

## Ascensão

As vigas por cima de mim são uma força que impede as paredes de se dobrarem sobre si próprias. Que função é a sua? Serão as vigas servas da lógica, ou das necessidades do edifício, ou talvez de ambas?

Servas deste edifício, que mantêm aberto.

E enquanto a maioria dos servos está confinada às zonas inferiores de um edifício, estas elevaram-se, nobres na sua colocação, com vista garantida. E contudo elas sofrem, *sentem* a nossa exalação.

Repito em voz alta as palavras que acabo de escrever, para testar o sentido da exalação. Creio que é ascendente.

Os corpos dos que por aqui passaram expeliram gás, humidade e dióxido de carbono que ascenderam para apodrecer as vigas. Mas não são estas boas vigas, mesmo que o seu material não se encontre intacto? O tecido das vigas foi comprometido, corrompido por demasiado debate e política; eflúvios e sudações elevaram-se para saturá-las, embebendo-as de história e de oratória.

As vigas incham a cada palavra. Húmidas da absorção de palavras empapadas. Quantas línguas diferentes terão inalado e quantas conseguirão entender? As palavras ascendem como exalações de formas simples, absorvidas pelo que tem como única opção aceitar.

As vigas foram colocadas para suportarem o que as rodeia, para protegerem, para manterem afastadas as paredes do palácio, para impedirem a queda destas como pálpebras sonolentas se cerram. As vigas impedem que as pálpebras se cerrem.

## **Como Recorda a Imaginação**

O que se segue tem um duplo sentido, um ato de avidez e imaginação. Acredito que estes dois impulsos se encontram ligados num sentido narrativo.

A imaginação deve ser sempre ávida, nunca se saciando ou contentando com o presente; a imaginação informa quem imagina: — Preciso de mais!

A memória alimenta a imaginação, mas é um mecanismo defeituoso, uma substância egoísta e subjetiva que exige alimento constante para funcionar no mais ínfimo estado.

A conservação não pode ser confiada à memória.

## O dia de hoje é dedicado aos outros sentidos

Tento descrever o que não consigo descrever. O que não consigo cheirar, saborear, ouvir ou sentir, e, contudo, creio ser real. Espaço e história. As tábuas sobre as quais me ergo; deve haver algo por baixo delas, pois de que outro modo seria capaz de me erguer? E tal como *acredito* que as paredes, mais grossas ou mais finas, elaboradas pelo plano do arquiteto existem realmente, sei também que *devem* existir, pois doutro modo o edifício ruiria.

A única prova real que possuo de uma existência por baixo destas tábuas é o rato. Vi-o desaparecer ali debaixo; deve ter ido a algum lado. Assim, confio no pequeno animal para me informar e garantir que este lugar tem uma estrutura. Dependo de outras criaturas, não humanas, para me lembrarem que estou aqui.

O que acontece nos lugares que não consigo ver?



## **Eliminação Arquetípica**

Muitos deixam vestígios da presença humana através do que afetam com os seus corpos.

As marcas na pedra, o alisar da pia batismal ao longo do tempo pelo roçar de dedos que mergulham na água benta. Degraus como os do apartamento para que vou mudar-me quando regressar deste lugar, inclinando-se para os dedos dos pés que os sobem, parcialmente polidos, e tantos por subir. Muitos deixam vestígios, tantos vestígios, através do que foi eliminado. E, ao que parece, a história é contada de modo mais arquetípico pelo que os seres humanos eliminam com os seus corpos.

Cada elemento do palácio necessita dos seus pares para fazer parte de um todo. E todos estão perfurados, incompletos, remendados e esfarrapados.

## **História do Estuque**

O estuque é itinerante, uma obra em movimento. Para preservar a sua utilidade, o estuque deve manter-se em movimento sem um objetivo definido. Deste modo, o estuque é controlado pela circunstância e não pela arte.

## Amplificação

Os materiais rígidos do Palácio Pombal constituem um magnífico amplificador, pois a rigidez é melhor para construir e refletir ondas sonoras. O palácio é, então, um amplificador, um cone de mármore que permite a proprietários e servos partilharem um sentido de orientação sónico especial.

A amplificação é uma questão de orgulho, de significação.

Seria demasiado confortável tentar imaginar como as vozes do passado se impregnam em materiais macios e rígidos, como as taças de som existem em muitas culturas, em muitos períodos históricos diferentes, e como isso nos ajuda a imaginar que som as coisas costumavam ter; é impossível.

Olho em volta do palácio, inspecionando-o, e, em larga medida, percebo que aspeto as coisas costumavam ter, mas é-me absolutamente impossível aceder ao que costumava soar a história deste lugar. A cadência e as vibrações específicas não me são familiares nem as recebo bem; não seria natural que ouvisse o que o palácio ouviu. Tudo o que me resta, a minha única potencial estratégia de localização dos sons passados, é concentrar-me no processo segundo o qual os sons se terão deslocado neste edifício; não posso concentrar-me nos próprios sons. É estranhamente interessante que descubramos o processo antes de percebermos porque o fazemos. Preciso de me ouvir.

Será que os cães do palácio se assustavam com o seu próprio ladrar?

## As Minhas Palavras

Num espaço desta dimensão, com tetos tão altos, a minha voz continua a soar baixa. O palácio não consente na amplificação.

Estou absorta. As minhas palavras consumiram-se.

A minha respiração vai esconder-se à espera atrás do estuque. A minha exalação pode acabar por derramar-se em escamosos padrões florais bordejados de castanho que procuram o outro lado. Que procuram exalações. Procurando no exterior destas paredes não apenas as exalações de outros, mas também as suas palavras. O que as paredes absorveram no passado, as exalações que impregnaram o seu tecido, continua presente.

Assim, se estas paredes adquirissem língua própria e comesçassem a falar, confiariam em quem estivesse presente para lhes dizer que língua falavam. Se essa língua era inteligível ou simplesmente uma língua de e para paredes.

O quê? O que foi isto?

Evito encostar-me a estas paredes. Preocupa-me o que pode cair. De mim nelas, e delas em mim. O azul-marinho da minha *T-shirt* barata já quase se insinuou nos meus ombros, a que se agarra como uma equimose. Não quero acrescentar nada a este lugar; quero deixar o palácio como o encontrei. Se me encostar a ele, preocupa-me que a parede me polvilhe de passado.